



UTILIZANDO A NARRATIVA DOS CONTOS POPULARES PARA TRABALHAR A ORALIDADE EM LÍNGUA PORTUGUESA

Izabel Cristina Barbosa de Oliveira; Adriana Barbosa de Santana Nascimento

(UPE - Universidade de Pernambuco Campus Mata Norte, izabel_cbarbosa@hotmail.com;
adrianabarbosadesantana81@gmail.com.)

Resumo: O ensino da oralidade, em muitos casos, é colocado em segundo plano, ainda existe uma maior valorização pela modalidade escrita. Tanto a modalidade oral quanto a escrita são práticas de usos da língua com características próprias (MARCUSCHI, 2014). Desta forma, ambas devem ser trabalhadas em sala, a fim de sabermos utilizá-las nos diversos contextos. Tanto a escrita quanto a oralidade estão equiparadas em seu valor por serem meios de expressão e de atividade comunicativa (MARCUSCHI, 2004). As atividades de leitura em voz alta e paráfrases de textos podem auxiliar o professor a perceber problemas na parte de compreensão leitora dos estudantes, cabendo ao professor desenvolver atividades para superar estas dificuldades (BORTONI-RICARDO, 2012). Este trabalho foi desenvolvido em uma turma de 9º ano do Ensino fundamental II em uma escola pública do Estado de Pernambuco, durante 4 aulas de Língua Portuguesa. Os objetivos propostos foram analisar a estrutura do texto narrativo em contos populares; exercitar a oralidade narrando contos populares; e escrever contos orais observando a estrutura do texto narrativo. Com esta proposta buscamos criar condições, em sala de aula, para que os estudantes apropriem-se de características discursivas e linguísticas de gêneros diversos, uma vez que isto também faz parte do papel do professor (LOPES-ROSSI, 2011).

Palavras-chave: ensino da oralidade, atividades de leitura, contos populares.

Introdução

Quando um aluno vai para a escola muitas expectativas vêm junto com ele, nesse ambiente ele busca aprender conceitos aos quais não tem acesso em seu contexto doméstico. E com o objetivo de formar o indivíduo integralmente a escola deve considerar que este indivíduo traz consigo um cabedal de conhecimentos e vivências que podem ser utilizadas na escola para a sua aprendizagem. Como a fala, excetuando os alunos surdos, todos os outros em uma escola sabem falar. Uns o fazem mais, outros menos. Porém quando abrem a porta da sala de aula ainda paira a idéia que não se deve falar e sim escutar para aprender o que o professor está ensinando. Seja por falta de habilidade, seja por despreparo, o que se observa é que as praticas de oralidade ficam de fora da sala de aula que privilegia as atividades de escrita. Mas o que se escreve? Como explica Marcuschi (2004, p. 16) “as línguas se fundam em usos e não o contrário”. O que se escreve está fundamentado no que já foi dito. Não é uma transposição para o papel do que foi dito na fala, mas a escrita é fundamentada na fala. A fala e a escrita formam um contínuo no qual as duas se sobrepõem e têm seus espaços nas interações humanas. Saber usar a fala de maneira adequada as situação que se apresentam está no domínio da oralidade, já que esta é “uma prática social interativa



para fins comunicativos” como diz Marcuschi (2004, p. 25), o que pressupõe que a escola deva ensinar seus alunos a utilizar a oralidade de maneira a conseguirem se comunicar e interagir melhor nas diversas situações. O trabalho aplicado propôs desenvolver uma atividade na qual a escrita e a oralidade fossem utilizadas de maneira orientada.

Referencial Teórico

A escola é um espaço onde muito se fala. Nossos alunos sabem falar e o fazem frequentemente. Os informes são passados oralmente aos alunos, as aulas são ministradas através da fala, os alunos ouvem e contam histórias aos colegas em sala de aula, reportam aos pais o que ocorreu no seu dia, compartilham com os amigos suas opiniões, fazem suas reclamações, criam e ampliam suas relações com o mundo através da oralidade. Marcuschi (2004, p.17) explica que "oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias".

Mesmo em um mundo regulamentado pela escrita, a fala predomina nas relações humanas. Porém na sala de aula a oralidade é pouco utilizada com fins didáticos. Segundo Serafim (2011, p. 28)

O surgimento da aceitação da língua escrita na sociedade é uma tradição social que trouxe como principal conseqüência a transformação desta modalidade da língua em uma habilidade que historicamente tornou-se sinônimo de detenção de conhecimento, primeiramente literário, depois e, finalmente, científico.

Trabalhar a oralidade em sala de aula não significa ter de ensinar o aluno a falar, mas ensinar ao aluno que mesmo a fala pode ser trabalhada para ser utilizada de maneira mais proficiente. O objetivo é auxiliar o aluno a desenvolver a oralidade, fazer da fala uma ferramenta eficiente de comunicação e exposição de ideias. A oralidade de acordo com Marcuschi (2004, p. 25) é “uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora;” sendo assim a oralidade deve ser estimulada e ensinada em sala de aula com o objetivo de desenvolver habilidades dos alunos de a utilizarem nas diversas situações de sua vida cotidiana de maneira a comunicar suas ideias e opiniões de maneira mais clara e interagir nos diferentes contextos que podem se apresentar.

O objetivo didático para a oralidade em sala de aula deve ser mais claro e prático. Utilizar atividades que explorem a oralidade apresentam para os alunos um universo de possibilidades de interagir e posicionar-se mais ativamente na produção e compartilhamento do conhecimento. Já que a fala é um instrumento utilizado por muitas culturas para a transmissão e



perpetuação de seus conhecimentos, inclusive pela nossa. Porém esta sofre desprestígio diante da escrita que atribui ao que é registrado um tom de oficial.

Oliveira (2014, p.2) afirma que

Depois que a língua escrita conquistou seu lugar de status perante a sociedade, o estudo da oralidade ficou em segundo plano. Vários materiais didáticos trazem propostas de como se trabalhar este ponto, mas às vezes, os professores não os desenvolvem, pois pensam como o senso comum, uma vez que os alunos já sabem se expressar oralmente, já foi aprendido em casa, não é necessário aprimorar esta habilidade

Mesmo que a escrita pareça ter mais prestígio e importância, pois tudo que é oficial dever vir registrado pela escrita, e sejamos discriminados por documentos escritos, e acumulemos conhecimentos através de livros, e encontremos escrito na internet quase tudo que se sabe no mundo; a fala para muitas pessoas dentro de nossa própria cultura letrada é a forma de que possuem para compartilhar a história. Desde as pessoas iletradas até aquelas que ocupam os mais altos cargos de poder, a oralidade se faz presente e necessária para a vida. Como exemplo pode-se citar o vendedor feirante que faz da fala seu instrumento de trabalho para expor, descrever seus produtos e atrair seus clientes, até mesmo o CEO (sigla em inglês, que significa diretor executivo de uma organização, em português,) de grande empresa que utiliza a oralidade em suas reuniões, nas quais os destinos de milhares de funcionários são decididos, e principalmente os políticos que decidem o futuro de uma nação partindo de um discurso.

Marcuschi (2001, p.17) afirma que “sob o ponto de vista mais central da realidade humana, seria possível definir o homem como um *ser que fala* e não como um *ser que escreve*. [...] isto não significa que a oralidade seja superior à escrita”.

A oralidade está mais presente na nossa realidade, porque nossa primeira interação com qualquer indivíduo se dá pela fala. O “bom dia” pela manhã, o “alô” ao telefone, o “posso ajudar?” ao entrar em uma loja, são exemplos de interações mediadas pela fala. E para cada situação a que se é exposto necessita-se lançar mão de estratégias de oralidade para interpretar a mensagem recebida e respondê-la da maneira mais adequada à interação que estamos vivenciando ou ao resultado que esperamos lograr.

Um ótima sugestão lúdica para se trabalhar com a oralidade em sala de aula seria utilizando histórias encontradas no folclore, que é rico em elementos fantásticos e místicos, aguçando a curiosidade e a imaginação. Nosso folclore é disseminado pelo relato oral que o modifica a cada vez que suas lendas e histórias são contadas e recontadas, mantendo viva a cultura do saber popular. Um saber oralizado, nascido de tempos idos e sobrevivendo na memória dos contadores de histórias. Desde as “negras velhas” que ensinavam os “sinhozinhos” até a professora



da educação infantil que conta histórias para as crianças que ainda nem aprenderam a ler. Porém quanto mais se avança no Ensino Fundamental menos se utiliza a oralidade com fins didáticos. Ela passa a ser substituída por longos exercícios de escrita, nos quais a avaliação do professor desconsidera completamente o conhecimento oral do aluno.

Para o trabalho com lendas do folclore necessita-se que essas lendas sejam pesquisada, trazidas para a sala de aula e lidas. Essa leitura pode ser individual, coletiva ou silenciosa. A prática da leitura deve ser mediada pelo professor a fim de orientar os alunos rumo aos objetivos desenvolvidos para a aula. Na visão de Bortoni-Ricardo (2012, p.9) "em pesquisas sociolinguísticas anteriores conduzidas na Universidade de Brasília, ficou claro que o evento da leitura individual ou coletiva pelos alunos é um momento em que a mediação do professor tem importância crucial". Pois o professor tem o papel de mediador, de facilitador. Ele usa seus conhecimentos para trazer para o contexto do aluno o universo apresentado no texto escrito.

O professor deve, sempre que possível, oportunizar este tipo de atividades para aprimorar a leitura dos estudantes, pois, quando eles oralizam ou recontam a história lida anteriormente, parafraseando-a, na perspectiva de Bortoni-Rucardo (2012, p.7), primeiramente, esta atividade permite "ao professor acompanhar de forma mais objetiva a qualidade da compreensão leitora, identificando o conteúdo mal assimilado e promovendo explicações. Em segundo lugar, como a apresentação era oral e em voz alta, os alunos se beneficiam do processo interpretativo desenvolvido pelos colegas".

Desta forma, criar situações onde os alunos possam ler, reler, contar e recontar são atividades benéficas que também auxiliam os professores no processo de identificação de problemas relacionados a leitura, possibilitando a criação de outras atividades que ajudem a sanar estes problemas constatados.

Compartilhamos com Lopes-Rossi (2011, p.71) que "as atividades de leitura, por si sós, podem constituir-se objetivo de um projeto pedagógico". Cabe aos professores criar atividades que também envolva o desenvolvimento tanto da leitura e, conseqüentemente, da oralidade, em pé de igualdade com que se encontram atividades para trabalhar a escrita.

O projeto foi desenvolvido baseando-se no esquema de projeto de leitura e sequência didática proposta por Lopes-Rossi (2012, p.329), observar a tabela abaixo.



Módulos didáticos	Sequências didáticas elaboradas visando a
Módulo 1 Leitura para apropriação das características típicas do gênero discursivo	Atividades de leitura, comentários e discussões de vários exemplares do gênero para conhecimento de suas características sociocomunicativas e composicionais (verbais e não verbais), de sua organização retórica e de seu estilo.
Módulo 2 Produção escrita do gênero de acordo com suas condições de produção típicas	Atividades seguindo o modo de produção do gênero nas situações reais: <ul style="list-style-type: none">• Planejamento da produção (definição do assunto, esboço geral, forma de obtenção de informações, recursos necessários)• Coleta de informações• Produção da primeira versão de acordo com movimento retóricos típicos do gênero ou possíveis, caso não haja um padrão• Correção colaborativa do texto, indicando aspectos a ser melhorados• Produção da segunda versão, atendendo às indicações da correção• Revisão do texto• Diagramação da versão final, de acordo com o suporte para circulação
Módulo 3 Divulgação ao público, de acordo com a forma típica de circulação do gênero	Série de providências para efetivar a circulação da produção dos alunos fora da sala de aula ou mesmo na escola.

Fonte: Lopes-Rossi, 2012, p.329)

A autora divide a tabela em duas colunas, a primeira se refere aos módulos didáticos, onde se observam os "passos" que o professor dará para estimular e oportunizar o contato com o gênero a ser trabalhado pelos estudantes. Na segunda coluna, observam-se os objetivos traçados na sequência didática e é importante ressaltar a preocupação com a produção do estudante para ser apreciada por outros leitores, além do professor.

No projeto, os estudantes tiveram acesso ao gênero a ser trabalhado, puderam lê-lo tanto individualmente quanto de maneira colaborativa para a aquisição de suas características. A oralidade foi o ponto chave (e como a própria autora sugere, pode-se trabalhar tanto gêneros orais quanto escritos), mas não o único a ser trabalhado ao longo do desenvolvimento desta atividade.

O último módulo sugerido por Lopes-Rossi não foi trabalhado ainda. Acreditamos que servirá como uma outra etapa do projeto, exigindo mais tempo para o seu desenvolvimento. Mesmo assim, a atividade utilizando o texto narrativo, a partir de contos, e trabalhando suas características



nas produções de textos orais e escritos foi uma ótima ferramenta motivadora para os estudantes, dinamizando, diferenciando e envolvendo-os mais na aula.

O texto narrativo e o trabalho com a oralidade

O trabalho foi desenvolvido em uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental, anos finais, durante 4 aulas (de 50 minutos cada) com 38 alunos dentro da faixa etária adequada para a série. A sequência didática elaborada propõe uma atividade que busca explorar a oralidade e o conhecimento folclórico, crenças populares e religiosas, além da participação ativa dos alunos na produção textual oral e escrita.

Os objetivos deste trabalho foram analisar a estrutura do texto narrativo em contos populares, exercitar a oralidade narrando contos populares e escrever contos orais observando a estrutura do texto narrativo.

Antes de os alunos lerem o texto, a professora fez algumas perguntas ao grupo a fim de buscar os conhecimentos prévios. As perguntas eram sobre se eles conheciam histórias populares, contadas pelos avós; que tipos de personagens costumam aparecer nestas histórias. Após ouvir as respostas, os estudantes foram organizados em grupos e foi distribuído o texto xerocado para todos os alunos.

O texto narrativo escolhido foi *O bom diabo* de Monteiro Lobato, publicado no livro *Histórias de Tia Nastácia*. Para que todos os alunos tivessem o texto em mãos para desenvolver o trabalho, foi necessário fazer a cópia do original e distribuí-lo entre os alunos porque a biblioteca da escola não dispunha de nenhum exemplar. A primeira leitura foi feita silenciosamente com os alunos em grupos, em seguida eles leram em voz alta, um aluno por vez, cada um lendo uma parte do conto popular.

Ainda organizados em grupos a professora explanou sobre a estrutura do texto narrativo. Utilizando exemplos do texto os alunos foram orientados a perceberem o narrador, o enredo, os personagens, o tempo e o espaço.

Também os alunos foram orientados que durante a leitura silenciosa selecionassem as palavras desconhecidas ou trechos que não compreendessem. Depois de todos escutarem a leitura feita pelos estudantes, a professora perguntou sobre as palavras novas e pediu para que alguém que soubesse seu significado as explicasse, quando palavra era desconhecida dos alunos a professora intervinha fazendo as explicações necessárias, isto ocorreu até todas as dúvidas serem tiradas.



Quando concluíram esta atividade, alguns estudantes foram selecionados para recontarem o conto da forma que compreenderam oralmente para os colegas.

Depois deste momento de interação, tira-dúvidas, leitura em voz alta e recontagem, a professora perguntou aos alunos se eles conheciam alguma história parecida, que possuísse alguma lição de moral, envolvessem crenças populares, personagens míticos, etc. E sugeriu que alguns estudantes contassem contos populares que conhecessem para a sala de aula.

Neste momento, a turma ficou bastante atenta para observar a estrutura dos contos narrados oralmente pelos estudantes. A sala foi reorganizada com os alunos em duplas. Cada dupla teria a tarefa de escrever um conto popular. Caso a dupla não conhecesse nenhum, que criassem um conto com elementos semelhantes aos dos contos escutados em sala (neste caso, com reis, rainhas, mágica, santo, viagens, diabo, milagres, etc.).

A professora orientou os estudantes sobre a estrutura do texto narrativo explicando sobre o uso dos parágrafos, a coesão e a coerência do texto e regras ortográficas. Ao terminarem a escrita de seus contos, estes foram corrigidos pela professora em parceria com os alunos e formam reescritos. Ao final da atividade de correção dos contos e reescrita, os contos foram lidos para a turma.

Observou-se que no fim deste trabalho, os estudantes estavam mais confiantes com relação a produção de textos narrativos, sabendo utilizar as características específicas deste gênero, assim como também, mostraram-se mais curiosos diante dos contos, como forma de preservar a sua cultura e suas tradições.

Considerações Finais

Atividade que relacionam a oralidade a escrita precisam ser cada vez mais praticadas na escola. Muitos professores acreditam que porque o aluno sabe falar ele sabe utilizar a oralidade adequadamente, e assim não é necessário implementar atividades de oralidade. Essa atitude vem trazendo prejuízos visíveis ao desenvolvimento dos alunos.

Muito do que se faz atualmente em sala de aula é um trabalho quase que exclusivamente de escrita no qual os alunos aprendem regras ortográficas e gramaticais, produzem textos escritos, leem diversos gêneros textuais, mas não produzem textos orais, não aprendem a falar com objetivo determinado. E como vivemos em uma sociedade na qual a fala é muito importante para a comunicação, trazer atividades que estimulem o desenvolvimento da oralidade para a sala de aula é



importante para a formação de um indivíduo atuante em sua comunidade, que se comunica adequadamente e interage nos diversos contextos aos quais for exposto.

Espera-se que este trabalho possa instigar outros profissionais a trabalharem a oralidade com gêneros diversos a fim de que os estudantes aprendam de maneira significativa, mudando, recontando, reescrevendo e criando, individualmente e de maneira colaborativa.

Referências Bibliográficas

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. (Orgs.) **Leitura e mediação pedagógica**. São Paulo> Parábola Editora, 2012.

LOPES-ROSSI, Maria Aparecida G. **A Produção Escrita de Gêneros Discursivos em Sala de Aula: Aspectos Teóricos e Sequência Didática**. SIGNUM: Estud. Ling., Londrina, n. 15/3 (esp), p. 223-245, dez. 2012.

_____. **Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos**. In.: KARWOSKI, Acir; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim S. (Orgs.) Gêneros textuais: reflexões e ensino. 4ª edição, São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

MARCUSCHI, Luiz. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez Editora, p. 15-72, 2004.

OLIVEIRA, Izabel C. B. de. **O ensino da oralidade da Língua Portuguesa, como trabalhá-la?** Monografia de Pós-graduação, Especialização em Língua Portuguesa pelo Centro Universitário Barão de Mauá, Ribeirão Preto, São Paulo, 2014.

SERAFIM, Mônica de Souza. **Da teoria à Prática: um olhar sobre a oralidade na sala de aula**. CEMOrOc-Feusp/Univ. Autônoma de Barcelona. Revista Internacional d'Humanitatis, 21 de jan-jun. 2011.